

# Reimaginação das cidades de Calvino por meio de fragmentos tradutórios

*Re-imagination of Calvino's cities  
by means of translating fragments*

# 4

DOI: 10.18226/21784612.v23.n1.4

Fabiane Olegário\*  
Sandra Mara Corazza\*\*

**Resumo:** Este ensaio tem como objetivo afirmar a leitura e a escrita como processo ativo tradutório, por meio da reimaginação do Texto de Partida *As cidades invisíveis*, redigido em 1972 pelo autor italiano Italo Calvino. O ensaio é tecido mediante a noção de fragmentos, tal como entendido por Tavares (2013), em que a escrita se constitui como uma experimentação do pensamento. Toma como ponto de partida as pistas deixadas pelo viajante Marco Polo, na obra de Calvino, que foi lida e reinventada pelos acadêmicos do curso de Pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior localizada no interior do Rio Grande do Sul. Um Roteiro de Procedimentos Escreitores – escritura e leitura – das cidades de Calvino foi disponibilizado aos estudantes, tendo como proposição mostrar nove regras, cujo objetivo consistiu em servir à operação tradutório-inventiva. A partir delas, os estudantes arriscaram uma leitura ativa e uma escritura viva, ou seja, uma escritura tradutória, que não visa à recuperação literal do texto, mas privilegia uma escreitura inventiva e traduções-reinvenções. Como aporte teórico, o texto aproxima-se do pensamento da diferença, de Barthes e de Deleuze, além das teorizações da tradução literária propostas por Haroldo de Campos. Trata-se de experimentar a prática de leitura e o ensaio de escrita gerando novas interpretações ao Texto de Partida. Nesse sentido, ler-e-escrever configuram-se como uma prática aberta, jamais definitiva e tampouco estática. Em síntese, o texto propõe defender que os Textos

\* Mestra em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).  
Professora-Assistente da Universidade do Vale do Taquari (Univates). *E-mail:*  
<fabiole@univates.br>

\*\* Doutora em Educação pela UFRGS. *E-mail:* <sandracorazza@terra.com.br>

de Partida são sempre fisgados pelos processos tradutórios e, por isso, novamente reinventados via leitura e escrita em Textos de Chegada.

**Palavras-chave:** Tradução. Recriação. Pedagogia. Educação.

**Abstract:** This essay aims to affirm reading and writing as an active translating process by means of re-imagination of the Source Text *Invisible City*, written in 1972 by the Italian writer Italo Calvino. The essay has used the notion of fragments as understood by Tavares (2013), according to whom writing is constituted as thought experimentation. Its starting point are the clues provided by the traveler Marco Polo in Calvino's work, which was read and reinvented by students attending a Pedagogy course at a Higher Education Institution in the countryside of Rio Grande do Sul. A Guide of Reading-Writing Procedures – reading and writing – of Calvino's Cities was provided to students aiming at showing nine rules whose objective was to serve to the inventive-translating operation. From those rules, the students tried to perform both an active reading and a living writing, i.e. a translating writing, which is not aimed to literally recover the text; rather, it privileges an inventive reading-writing and reinvention-translations. In terms of theoretical support, the text is approximated to the thought of difference, Barthes and Deleuze, and theories of literary translation proposed by Haroldo de Campos. It addresses the experience of the practice of reading and the attempt of writing, thus generating new interpretations of the Source Text. In this sense, reading-and-writing becomes an open practice that is never definitive, let alone static. In summary, the text aims to advocate that Source Texts are always caught by translating processes and, hence, they are reinvented through reading and writing in Target Texts.

**Keywords:** Translation. Re-creation. Pedagogy. Education.

## Preparação do ensaio

Este ensaio está estruturado em fragmentos, o que, segundo Tavares (2013, p. 41), implica “um ponto onde se inicia” ou ainda “uma máquina de produzir inícios, uma máquina de linguagem, das formas de utilizar linguagem, que produz começos – pois tal é sua natureza”. Aqui os fragmentos nascem do ensaio, porque “evocam aquela liberdade de espírito” (ADORNO, 2003, p. 16). É certo que o texto, em sua forma ensaística, verse sobre o desejo de escrever, numa relação íntima com ler, visando a um movimento de troca recíproca.

O desejo anuncia que linguagem ensaística não “almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva”. (ADORNO, 2003, p. 25). Todavia, é necessário ressaltar que o ensaio visa a proceder por meio de um pensar inventivo, que age como propulsor do trabalho do pensamento; que, ao ler e ao escrever, reconstrói os sentidos, deixando fluir o inesperado e, conseqüentemente, o porvir. De todo modo, o desejo de ler-e-escrever se desvia do modelo de representação, sobretudo porque ele não decalca o original. No ato de ler-e escrever, libera-se o próprio desejo. Ao desejo nada falta; o desejo funciona através de agenciamentos coletivos relativos às formas de expressão e de conteúdo, formas que interferem uma na outra. (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Neste texto, querer escrever é compreendido como um ponto de saída, ponto esse que desconhece a origem, mas que reconhece a necessidade de recriar. De qualquer modo, só se pode afirmar que o desejo de escrever tem um ponto de partida como fluxo, passagem, zona de proliferação para novas traduções. A escrita deste ensaio tem como texto de partida a obra *As cidades invisíveis* (1990) de Calvino. As cidades são reais, ao passo que são banhadas pela ficção e constituem as aventuras do viajante Marco Polo. Sem dúvida, é uma obra com um estilo que não se pode prever de antemão como será a próxima cidade. A verdade é que Marco Polo tem a vida marcada pelo desejo de inventar.

A leitura e a escrita tradutórias das cidades de Calvino foi sugerida na disciplina “Saberes e Práticas do Tempo e Espaço I”, do curso de Pedagogia da Univates, localizada na cidade de Lajeado, no interior do Rio Grande do Sul. O objetivo com tal proposta possibilitou aos alunos conhecerem uma obra literária e, por conseguinte, operar nos fluxos de reinvenção das cidades de Calvino, bem como articulá-los com as noções de tempo e espaço. De um modo ou outro, era preciso atribuir vida aos lugares percorridos pela imaginação, atentando aos seus detalhes, e nunca esquecendo de potencializar as insignificâncias. Enfim, o restante não deveria ser desprezado, porque, ao que parece, é que carrega um valor altamente expressivo e singular à escrita.

Em meio ao “Roteiro de procedimentos escritores” das cidades de Calvino, são lidas as seguintes instruções: “Reinventar uma matéria, e não ilustrar um juízo! Reimaginar é fazer nascer outras matérias, a partir do Texto de Partida, portanto, imagine inventando essas matérias. Aquele que reinventa é um criador de novas imagens. Tomar a caneta, nesse sentido, não é emitir uma opinião; não é copiar e tampouco reproduzir o existente,

mas arquitetar combinações, variações entre as matérias capazes de afectar.” Cabe ressaltar que cada aluno teve acesso ao roteiro.

De todo modo, reinventar o existente é necessário tomar emprestadas matérias da filosofia, da literatura, da ciência, da arte, da pedagogia, da educação. Seja como for, reinventar as matérias do Texto de Partida é, em alguma medida, conservar os traços do original. Considerando que o Texto de Chegada é resultado de um processo-tradutório inventivo e o professor como criador de matérias e não transmissor de conteúdo, é possível afirmar que este texto tem forte influência da filosofia da diferença concernente à criação e ao pensar.

Este texto mostra que, através da leitura e escrita dos estudantes foram engendrados e acionados processos tradutórios a partir de uma obra literária. Trata-se de uma tradução capaz de ater-se às afecções e às percepções geradas pela leitura do livro e a escrita dos roteiros. Barthes (2005) compreende a relação entre a leitura e a escrita como um movimento recíproco; força de toda a criação e de toda a procriação. Escrever não é um meio e tampouco uma forma de comunicação; aquele que escreve não tem desejo de ganhar nada, exceto fruição, pois “a escritura é a ciência das fruições da linguagem, seu Kama-sutra” (BARTHES, 2005, p. 11) capaz de ultrapassar o texto tagarela e fazer estremecer as bases dominantes. Nessa perspectiva, a escrita não reserva uma origem e tampouco postula em favor da reconhecimento, “na medida em que não há transmissão de um saber, e sim, a exibição de uma postura que tende a produzir ao invés de sistematizar”. (FEIL, 2010, p. 85).

A vontade de ler-e-de escrever nada diz respeito aos termos de descobrir determinada verdade que estaria velada no próprio corpo do texto. Essa vontade é decorrente das afecções e das sensações geradas pelos múltiplos encontros entre leitor-e-escritor e a língua de partida, sendo essas sempre abertas às interferências do pensamento, cuja vontade jamais é com a verdade, porque o pensar remete à vontade de criar. O pensamento criador, aliado à leitura e à escrita, não pretende invalidar o Texto de Partida, mas, ao contrário, que conceder-lhe mais vida. Tomado pela linha inventiva, o pensamento jamais saberá, de antemão, aquilo que ele deveria pensar (ZOURABICHVILI, 2016), porque não pode haver determinação prévia que o conduza, antecipadamente, a algum lugar.

Com efeito, há certa emergência de repetir as matérias de partida, num movimento contínuo de idas e vindas de um pensamento coagido e forçado a pensar o “que existe para ser pensado; e o que existe para ser pensado é do mesmo modo o impensável ou o não-pensado, isto é, [...] o

que nós não pensamos ainda”. (DELEUZE, 1988, p. 238). Tal repetição implica abertura sempre renovada do Texto de Partida, por meio de um processo contínuo de variações que subsistem lado a lado, ou seja, o antigo e a projeção do novo, sendo que “não existe a não ser no pensamento, e que não tem outro resultado” (DELEUZE, 2003, p. 63), senão a invenção.

Entre suposições e suspeitas fortificam-se as incertezas, pois se desconhece o grau intensivo tradutório que se desprenderá a cada escrita-e-leitura produzida pelo acadêmico. E, desse mistério, não se pode esquecer os modos, as condições com as quais podem verter novas traduções, assim como podem apenas inverter o que está dado, criando novas séries opositoras e colhendo apenas as letras mortas.

Se a escrita não é meio de comunicação, conforme anunciado por Barthes, isso permite pensá-la, ao lado do ensaio, como aquela que “não quer procurar o eterno no transitório, nem destilá-lo a partir deste, mas sim eternizar o transitório”. (ADORNO, 2003, p. 27). Portanto, cabe dizer que há uma suspeita às práticas que pretendem perpetuar como legítimas conservadoras da forma original. Do mesmo modo, desconfia da premissa de que é possível traduzir literalmente o que se lê e o que se escreve pelas seguintes razões: ler-e-escrever correspondem às práticas de um pensamento imanente, sobretudo, transcendental e afirmador do acaso, que conjuga matérias e elementos capazes de criar problemáticas novas.

É importante notar que a tradução compreendida como uma atividade transcriadora de Textos de Partida é urdida em meio aos encontros transculturais, transdisciplinares, translinguísticos e transemióticos. Como salienta Campos (2008), a ação tradutória é uma operação radical que funciona apenas quando vivifica a fonte original e, concomitantemente, nutre o tradutor.

Essa operação mostra a invenção implicada na vida, ou seja, trata-se de um fazer imanente. O pensamento tradutório produz uma dupla afirmação, pois, ao afirmar, a vida celebra a potência do pensamento inventivo em oposição aos valores transcendentais metafísicos. Nesse sentido, as cidades de Calvino, assim como a vida, precisam ser inventadas para prosseguir de forma pulsante para “variar-se de vários”. (SALOMÃO, 1983, p. 141). E é por isso que, nós, como leitores e escreventes, seguimos traduzindo e reimaginando textos e recriando a vida.

## As cidades

“Ao redor das fogueiras em torno do mercado” (CALVINO, 1990, p. 38), o viajante veneziano Marco Polo se preparava à tarefa: narrar as cidades que percorreu durante meses, ao imperador Kublai Khan. Entre desejos, símbolos, memórias e trocas, as “descrições de Marco Polo tinham esse dom: era possível se perder, parar para tomar ar fresco ou ir embora rapidamente”. (CALVINO, 1990, p. 41).

No entanto, a verdade é que nunca se saberá se o imperador, de fato, acreditava em tudo que era relatado por Marco Polo, embora permanecesse atento aos “gestos, saltos, gritos de maravilha e de horror, latidos, vozes de animais ou de objetos que ia extraíndo dos alforjes: plumas de avestruz, zarabatanas e quartzos” (1990, p. 25) expressos pelo veneziano. Consideradas invisíveis, as cidades se tornavam visíveis através da imaginação, ou seja, eram reais, visto que era possível acompanhar e sentir o cheiro das “mercadorias que os vendedores expõem em suas bancas” (1990, p. 18); além de ver as “lâmpadas multicoloridas” (1990, p. 11); visitar os “palácios dos príncipes, quais são os templos dos grandes sacerdotes, a taberna, a prisão, a zona”. (1990, p. 34). É certo, portanto, que se trata de um encontro entre a imaginação e o real, quando a imaginação não se opõe ao real. Segundo Bachelard (1996, p. 14), a imaginação faz “criar aquilo que vemos”.

## Em meio à leitura e à escrita

Se se levar a sério que o meio é composto de uma velocidade absoluta, se compreenderá porque o pensamento, mesmo quando se movimenta vagarosamente, se interessa pelo que se passa entre as coisas, visto que não se refere a um exercício de representação, mas revela a potência da criação. Evidentemente, pensar em meio à diferença não diz respeito ao deslocamento de um ponto a outro, porque o meio remete a “uma linha abstrata e quebrada, um ziguezague que desliza “entre” antes, entre dois níveis como em diferença de potencial”. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 42). Nesse sentido, importa a velocidade que é produzida no meio da leitura e da escrita.

Todavia, há certa reciprocidade entre o meio e as práticas tradutórias concernentes ao ler e escrever. Obviamente, não se trata de uma questão de acento – escrita ou leitura – e tampouco se refere ao exercício de apaziguamento entre aquele que escreve e as forças que desagradam o pensamento. Sem dúvida, trata-se, sobretudo, de estar à espreita dos fluxos

e dos efeitos tradutórios produzidos em meio aos movimentos de ler e escrever.

## O roteiro

No “Roteiro procedimentos escritores” das cidades de Calvino, encontram-se nove regras, quais sejam: 1ª – Escolha um dos três modos anunciados pelo autor: as cidades e o desejo; as cidades e os símbolos; as cidades e a memória, e reimagine uma cidade, uma nova cidade, sem perder de vista a seguinte questão: Quais os tempos e espaços habitam a cidade que está sendo imaginada? 2ª – Coloque-se como um narrador, ou como um dos personagens que trafega e descreve a cidade: a escolha é sua. 3ª – Fique à espreita o suficiente para que novas distrações aconteçam, é por esta, e não por outra razão, que os traços tornam-se imprevisíveis. 4ª – Lembre-se: as práticas mais descabidas podem ser potentes para um pensamento inventivo. 5ª – Deixe o texto leve e, ao mesmo tempo, enigmático e curioso. 6ª – Não tenha medo de escrever! 7ª – A ideia não é formar literatos, muito menos poetas, o compromisso é com a invenção e o quanto se pode criar em vida, na vida e com a vida. Aliás, o que se cria em educação depende do modo como se lê e se escreve o Texto de Partida. 8ª – É preciso viver junto às matérias, amá-las a ponto de fazer novas crias! 9ª – Por fim, sem delongas: Vá em frente! Invente!

Roteiro-meio, roteiro-fluxo. Preparação à escrita que adere ao sentido de necessidade como a própria criação. O aluno, por sua vez, mostra, na medida em que lê-e-escreve, os graus de afecção com a matéria. Aliás, aquilo que se traduz na prática docente é da ordem de uma aventura inventiva, nômade e errática que evoca mais potência à vida. Por isso, leva a sério o que escreveu Serres (1993, p. 118-119) na obra *Filosofia mestiça*: “a invenção é o ato intelectual verdadeiro, a única ação inteligente”, visto que “só a invenção prova que se pensa, seja qual for esta coisa”. Trata-se de movimentar os meios, inventar gestos, ensaiar os passos e repeti-los, repeti-los, repeti-los, repeti-los até diferirem. Nessa perspectiva, o texto defende que é preciso “desviar, como fuga de um disco que toca sem parar a mesma canção”. (OLEGÁRIO; CORAZZA, 2015, p. 359).

Ainda, no roteiro encontram-se algumas pistas-meios para que se possa compor um “tempespaço” (OLIVEIRA, 2015, p. 74) ainda por vir. “Ao imaginar a cidade ainda porvir, procure mostrar o tempo e o espaço que a constitui”.

Cores, aromas, melodias eventos... Há, Zarmênia! Adoro cansar e enfeitar a angústia do tempo. Cale-te que a dor é somente minha. Não me diga que sou \_\_\_\_\_, porque sei minha recompensa. Audácia. Fardo pesado. Dor. Desprezo. Falta de compreensão. É de Zarmênia que preciso! Cada passo dado, cada olhar, cada piscada cada batida no coração e a cada suspiro... Caminhando pela cidade, percebo que nada consegue destruí-la e quem ali habita não é nenhum estranho, embora não conheça a alma que há em cada um. Necessito de sede de aventura que só essa cidade me enlouquece pela tranquilidade e paz de espírito que emana pelos quatro cantos. Ela é anjo temporário que me faz tão bem. O local mais alto é tecido por um tapete de flores de todas as cores e de tamanhos pequenos que encantam, pois apreciar cada haste, cada folha, cada pétala, enfim cada detalhe é deslumbrante. Ruas, becos, casas, portas, janelas e degraus são sempre milimetricamente delimitados pelas residências de cada bairro. É uma sinfonia que parece musical. Pena que as únicas coisas que levo de Zarmênia são as lembranças e as fragrâncias. (Cidade de Zarmênia, texto da aluna Miriani).

Sonhos o que esperar deles? Medo, felicidade, angústia, paz, terror ou esperança! O principal ingrediente dos sonhos é a imaginação, e é nesse devaneio do ser humano que surge a cidade de Pandora repleta de sons, sabores, aromas, cores, símbolos, desejos, vibrações e sentimentos. Pandora uma cidade onde um segundo vira uma eternidade, embora os ponteiros do relógio não pareçam andar e o espaço pode ser modificado por cada pessoa que a visita. Ao mesmo tempo em que Pandora possa estar repleta de flores também pode estar em ruína. Laços de grandes amizades podem ser criados pelo fato de que todas as pessoas vivem intensamente o seu presente, claro que as memórias e as lembranças não são esquecidas, somente não são as principais peças desta história. Quando avistei Pandora o sol brilhava e reluzia em cada janela, leve brisa batia em meus cabelos dando uma sensação agradável de leveza e inspiração, as folhas nas árvores dançavam ao ritmo do vento. O cheiro e o gosto de sorvete estavam presentes em cada esquina, as praças estavam cheias de pessoas desde crianças, jovens, adultos e idosos cada qual fazendo o que pretendia para aquele dia, mas o que podia ser visto eram pessoas embaixo das árvores escrevendo e relatando a sensação de visitar novamente Pandora. Mas afinal o que esperar de um lugar tão instável e diluído? O que tem neste espaço que possa me encantar e fazer com que volte para uma nova visita?

Não é melhor viver na realidade? Será que o sonho não faz parte da realidade? Não sei as respostas destas perguntas neste momento, mas acredito que o devaneio ou o sonho são peças importantes para mim. E, antes que eu me esqueça, quero dizer que conhecer Pandora foi incrível e fantástico, pois nunca imaginei poder criar a minha própria cidade do jeito que eu quisesse. Até mais Pandora te encontro novamente a qualquer dia desses em meu sonho. (Cidade de Pandora, texto da aluna Camila).

### **Atualizar as cidades, mover o pensamento, traduzir as matérias**

Podemos afirmar que o roteiro funcionou, na medida em que buscou atualizar as cidades invisíveis de Calvino. Concordamos com Deleuze (1988) ao afirmar que o processo de atualização corresponde à produção de sua diferença. Tanto na leitura quanto na escrita, há sempre um feixe de atualização; o tradutor é um atualizador de matérias, que sempre são criadoras em relação ao que atualizam. Como bem esclarece Deleuze (1988, p. 136), na obra *Diferença e repetição*, “atualizar-se é diferenciar-se”. Em outras palavras, atualizar o existente é potencializar a força divergente que move e constitui os processos inventivos, sempre distantes do consenso, do senso comum e da boa natureza do pensamento. Atualizar é, sobretudo, engendrar modos de diferenciação e operar em meio à diferença, ao se desvincular do saber decalcado, não reconhecendo o que dantes era possível representar.

Para seguir pensando na atualização das matérias do Texto de Partida, toma-se o conceito de virtualidade, a partir de Zourabichvili (2004, p. 117), que afirmará que o virtual “é a insistência do que não é dado. Apenas o atual é dado, inclusive sob a forma do possível, isto é, da alternativa como lei de divisão do real que atribui de imediato [...] a experiência a certo campo de possíveis”. A atualização, nesse sentido, é sempre virtual, portanto diferenciada e determinada, pois, na ausência dos postulados da representação, os virtuais se atualizam, evocando a repetição de sua diferença.

Nessa perspectiva, a invenção estará sempre implicada nos processos de atualização. Disso, se conclui que o tradutor constrói efetivamente as condições e as possibilidades de atualização das matérias, com as quais o pensamento experimenta. Entretanto, é possível ouvir “uma história de lobos, de irmãs, de tesouros, de sarna” [...] e, no decorrer da narração, “o lobo terá se transformado num outro lobo, a irmã numa outra irmã”. (CALVINO, 1990, p. 39). E, nessa história, poder-se-ão encontrar verdadeiros

tesouros que, ao serem atualizados, poderão não ser mais de ouro, e sim, meros objetos pintados à pena de ganso; ao passo que as irmãs e os lobos poderão trilhar o caminho das amantes. Tal atualização nada mais será do que “uma façanha do fundador da cidade, a profecia de um astrólogo”. (CALVINO, 1990, p. 26).

### Ensaiar como acontecimento

O texto admite que a vida seja um processo interrompido de constantes ensaios que, por vezes, a duração é tão intensa, que, aquele que lê e escreve apenas sente um frescor passando pela orelha, ou talvez debaixo do braço. A verdade quanto a isso é que, raramente, se poderá identificar com exatidão o que aconteceu. O fato é que se sabe que algo se passa entre o Texto de Partida e o Texto de Chegada. “A rigor, nada aconteceu, mas é justamente esse nada que nos faz dizer [...] porque nos coloca em relação com o incognoscível ou um imperceptível”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 71). O ensaio, por sua vez, parece estar diretamente relacionado com o percurso dos acontecimento de fora. De uma coisa se tem certeza: o pensamento, ao ser afetado pelas forças de fora, estará exposto constantemente ao risco, à decepção e ao fracasso, “mas disso não podemos deduzir que vamos mal, ou que somos melancólicos” (CORTÁZAR, 2016, p. 31), porque se trata de um pensamento que se envolve com a criação. E isso já é o bastante.

Tomamos a adjetivação – destemida – para tratar do ensaio. Ensaiar é não temer as contingências que interpelam a vida. Como amantes erráticas, as experimentações têm o deserto como abrigo; de linhagem nômade, afirmam o apreço pelas “pontes arqueadas, cobertas, sobre pilares, sobre barcos, suspensas, com os parapeitos perfurados”. (CALVINO, 1990, p. 85). Por isso, o ensaio esmaga e tritura a certeza, visto que “não apenas negligencia a certeza indubitável, como também renuncia ao ideal dessa certeza”. (ADORNO, 2003, p. 30).

Se tomarmos o plano da vida como um processo de experimentação, pode-se apostar no acontecimento, o qual jamais poderá perguntar sobre o seu sentido, porque, conforme Deleuze na obra *Lógica do sentido* (2003), o acontecimento é o próprio sentido. Em outros termos, o acontecimento destitui o verbo *é*, a fim de evocar o que nunca será, porque devém sempre outro. Todo acontecimento transborda matérias moventes, capazes de esquisitos movimentos atléticos. A educação do acontecimento que baila com pés dançarinos privilegia o acaso, o improvável, a vicissitude, borra a representação e sacode os universais, inaugurando, no pensamento, um

movimento “capaz de colocar o espírito para fora de toda a representação” (CORAZZA, 2013, p. 173), fazendo emergir a potência de uma vida implicada na invenção. De fato, é tudo que resta, e tudo que cabe como tradutores: é nos servir dos acontecimentos para repetir, repetir, repetir as singularidades de um pensamento transcendental.

### A tradução e o caleidoscópio

As cidades se dobram ao olhar estrangeiro de Marco Polo e à escuta atenta do imperador. A descrição inventada do veneziano nada mais é do que uma tradução evocada por meio de um texto-caleidoscópio, “que a cada vez faz uma nova combinação” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 24) entre os elementos que o constituem, ou seja, as variações inauguradas pelo texto-caleidoscópio são sempre distintas e improváveis. Sobre as combinações, nos resta a melhor das hipóteses, alguma coisa acontece, talvez certo esgotamento das palavras, o que viabiliza a necessidade de variá-las de modo contínuo. É bem provável que essa necessidade nos fará, de alguma forma, escapar das arapucas-verdade, tão bem-construídas pelos saberes dominantes, e encontrar saídas impensadas. Nossa aposta é que Marco Polo levava consigo um caleidoscópio e, a cada nova cidade criada em seu pensamento, realizava operações únicas, que permitiam engendrar “linhas que ligam uma figura à outra e desenhar flechas, estrelas, triângulos, até esgotar todas as combinações possíveis”. (CALVINO, 1990, p. 51).

Por certo, “o mistério começava exatamente com a explicação” (CORTÁZAR, 2013, p. 37) do astuto veneziano ao imperador. Tratava-se de uma invenção abarcada pela intrigante experiência que escorria do pensamento de Marco Polo e invadia a imaginação de Kublai Kahn.

No que tange aos processos tradutórios, é possível perceber o cruzamento entre o Texto de Partida do viajante e o Texto de Chegada do imperador, ou seja, as imagens tecidas pelo aventureiro constituem o Texto de Partida que, uma vez compartilhadas – nesse caso, narradas – são reinventadas duplamente. Marco Polo, ao relatar a cidade ao imperador, provavelmente, não será literal, logo, será necessário reinventá-la; o imperador, por sua vez, imprimirá na escuta novas imagens, que não foram sequer pensadas e tampouco ditas por Marco Polo. Portanto, são inumeráveis e infinitas as possibilidades tradutórias, compostas de matérias fluidas, híbridas, ao passo que é “impossível saber o que há: um tremor que não é desta carne, um tempo central, uma coluna de contato”. (CORTÁZAR, 2016 p. 46).

Desse modo, estamos em meio a textos que se dispõem de novas visadas, que se conectam pela tradição; textos-veios que abrigam, no acaso, a repetição da diferença e as combinações inesperadas a cada movimento do caleidoscópio. Talvez seja por isso que Marco Polo parece não desgrudar o olho do instrumento, porque se reconhece como um legítimo amador-tradutor.

### **Amadorismo e tradução**

Concordamos com Barthes (2003, p. 65) ao afirmar que “o amador não é de modo algum um herói (da criação ou do desempenho), ele se instala graciosamente (por nada) no significante”. Tal amador não está vinculado a um saber irrelevante, ao contrário, o amador está além do bem e do mal, pois transvalora os conhecimentos dominantes, dribla as forças reativas e, com isso, se mantém no fluxo da experimentação. Tudo leva a suspeitar que o amador seja um apreciador de atividades que consistem em construir novas versões, pois o seu amadorismo lhe impossibilita apresentar uma única interpretação. Na condição de amador, experimenta o acaso sem temê-lo, a favor de certa obstinação em esgotar as combinações entre as matérias.

### **Reciprocidade**

Sejamos diretos: Haverá reciprocidade maior entre a escrita-e-leitura? É por meio da leitura e da escrita que se pode ouvir os sinais vitais do Texto de Partida, ao se perceber no Texto de Chegada. Nessa configuração, a escala de valores é abalada no sentido de produzir qualquer tentativa de hierarquia entre uma e outra, porque não há horizontalidade, nesse caso, que se mantenha de pé. Se há algo a ser primado e elevado à enésima potência, é a vida como fonte perpétua de invenção e tradução. É disso que se trata, quando se propõe um roteiro de leitura e escrita aos alunos do curso de Pedagogia: desejo de continuar a escrita do autor, ou seja, de traduzir e, sobretudo, de viver.

## Referências

- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. Trad. de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTHES, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade: notas de curso no Collège de France – 1979-1980*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Trad. de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcria em educação?* Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Doisa, 2013.
- CORTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha*. Trad. de Fernando de Castro Ferro. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CORTÁZAR, Julio. *História de cronópios e de famas*. Trad. de Gloria Rodrigues. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Trad. de Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Trad. de Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 3.
- FEIL, Gabriel Sausen. O simulacro: de A a Z. In: CORAZZA, Sandra Mara. *Fantasia de escritura: filosofia, educação, literatura*. Porto Alegre: Sulina, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. *Atlas do corpo e da imaginação*. Alfragide/Portugal: Editorial Caminho, 2013.

SALOMÃO, Waly. *Gigolô de Bibelôs*. São Paulo: Rocco, 1983.

SERRES, Michel. *Filosofia mestiça*. São Paulo: Nova Fronteira, 1993.

OLEGÁRIO, Fabiane; CORAZZA, Sandra Mara. Entre radículas e raízes. O se passa no currículo escolar. *Espaço do Currículo*, João Pessoa: Ed. da Universidade Federal da Paraíba, v. 8, n. 3, p. 356-363, set./dez., 2015.

OLIVEIRA, Marcos da Rocha. Biografemática do cotidiano. In:\_\_\_\_; CORAZZA, Sandra Mara; ADÓ, Máximo Daniel Lamela (Org.). *Caderno de Notas 7: biografemática na educação*: Porto Alegre: Vidarbos; Ed. da UFRGS; Doisa, 2015.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004.

ZOURABICHVILI, François. *Deleuze: uma filosofia do acontecimento*. Trad. de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2016.

---

Submetido em 31 de janeiro de 2017.  
Aprovado em 22 de dezembro de 2017.